



Fistula de saco anal em felino relato de caso

Fernanda de Souza

Universidade de Caxias do Sul, Brasil. Autor de correspondência: F. de Souza (fsouza9@ucs.br)

Larissa Fiatt Dalzoto

Médica veterinária autônoma

Resumo: A maioria dos carnívoros apresentam um par de sacos anais que contém glândulas sebáceas e apocrinas sudoríparas. Estas secretam um fluido fétido que lubrifica as fezes e é marcadora de território em caninos e felinos. A infecção dessas glândulas é comum em caninos, mas relativamente incomum em felinos, possivelmente por diferenças anatômicas e de composição secretória e também pelo seu hábito de *autogrooming* e assim, desobstruir o ducto. Neoplasias também são descritas na literatura, principalmente adenocarcinomas, tanto em caninos como em felinos. O objetivo desse trabalho é relatar um caso de fistula de saco anal em um felino, fêmea, nove anos de idade, que apresentou excesso de lambedura na região perianal, comportamento de agressividade defensiva e inapetência. O tratamento foi realizado com um anti-inflamatório não esteroidal sistêmico associado à terapia tópica com uma pomada a base de antibiótico e cicatrizante. No presente relato houve resolução do quadro com tratamento conservador, sem necessidade de antibioticoterapia sistêmica ou intervenção cirúrgica, demonstrando a importância do conhecimento da patologia e seu manejo adequado.

Palavras-chave: fistula; saco anal; felino.

Abstract: Most carnivores have a pair of anal sacs that contain sebaceous and apocrine sweat glands. These secrete a foul-smelling fluid that lubricates feces and is a marker of territory in canines and felines. Infection of these glands is common in canines, but relatively uncommon in felines, possibly due to anatomical differences and secretory composition and also due to their habit of self-grooming and thus unblocking the duct. Neoplasms are also described in the literature, mainly adenocarcinomas, in both canines and felines. The objective of this work is to report a case of anal sac fistula in a feline, female, nine years old, who presented excessive licking in the perianal region, defensive aggressive behavior and lack of appetite. Treatment was carried out with a systemic non-steroidal anti-inflammatory drug associated with topical therapy with an antibiotic-based and healing ointment. In the present report, the condition was resolved with conservative treatment, without the need for systemic antibiotic therapy or surgical intervention, demonstrating the importance of knowledge of the pathology and its appropriate management.

Keywords: fistula; anal sac; feline.

Introdução

A maioria dos carnívoros possuem um par de sacos anais que estão localizados entre os músculos esfíncter anal interno e esfíncter anal externo. Esses sacos contêm glândulas que se abrem na margem lateral do ânus por um ducto único. Os sacos e ductos anais são revestidos por um epitélio escamoso estratificado e circundado por tecido conjuntivo fibroso, onde encontramos glândulas sebáceas e apócrinas sudoríparas. Nos felinos, essas glândulas estão na parede do saco anal, na região perianal ventrolateral. Já nos caninos, elas estão na margem lateral do ânus. Essas secretam um líquido pungente contendo células descamadas e excrementos que podem ocluir suas aberturas. Essa secreção possui função de marcação territorial para caninos e felinos, podendo conter informações sobre sexo, estado reprodutivo e reconhecimento de indivíduos (Modesto et al., 2018; Miyazaki et al., 2018; Curti et al., 2012).

Fístula ou furunculose anal é uma doença inflamatória crônica e progressiva, relatado por Corbee et al. (2022) a incidência de 0,4% em felinos contra 15,7% em caninos. É encontrada predisposição racial em caninos da raça Pastor Alemão e Pitt Bull, mas em felinos não foi elucidado (Asal; Sturion, 2014; Kemper; Arias, 2007). O estudo de Corbee et al. (2022) coloca fatores de risco tanto em cães quanto em gatos como a idade adulta e a obesidade.

Curti et al. (2012) lembram de se realizar o diagnóstico diferencial para neoplasias na região perianal. Adenomas ou adenocarcinomas dos sacos anais são neoplasias originadas das glândulas apócrinas sudoríparas. Adenocarcinomas são mais comuns na medicina veterinária em cães e incomum em gatos como relatam Modesto et al. (2018), Amsellem et al. (2019) e Moraes et al. (2023). Amsellem et al. (2019) trazem 30 casos de adenocarcinoma em saco anal em um estudo retrospectivo, descrevendo a sinalização, sinais clínicos, comportamento biológico e evolução de gatos com adenocarcinoma de glândula apócrina e saco anal submetidos à excisão cirúrgica. Para Moraes et al. (2023), 2% das neoplasias cutâneas em cães correspondem a adenocarcinoma de saco anal em animais entre sete e doze anos, sem predileção sexual e como predisposição

para raças como Cocker Spaniels, Dachshunds e Pastor Alemão.

O tratamento deve ser conservativo ou cirúrgico, dependendo do grau de infecção e se apresenta neoplasia ou não. Associação dos dois métodos é bastante utilizado, principalmente em casos de neoplasias (Asal; Sturion, 2014; Curti et al., 2012).

O objetivo deste trabalho é relatar um caso de fístula do saco anal em um felino, fêmea, sem raça definida, de 9 anos de idade, que foi tratado apenas com tratamento conservador.

Relato de caso

Um felino, fêmea, castrada, 9 anos, sem raça definida, 3 kg, começou a apresentar o comportamento de lambadura excessiva na região perianal, presença de uma ferida avermelhada, com secreção, comportamento com agressividade defensiva e inapetência. Na ocasião, os tutores estavam viajando há dois dias e a alteração de comportamento foi observada pela cuidadora, que também é médica veterinária. Pelos sinais clínicos apresentados, chegou-se ao diagnóstico de fístula do saco anal.

Foi instituído tratamento com anti-inflamatório não esteroidal de forma sistêmica (meloxicam na dose de 0,05 mg/kg, por via oral uma vez ao dia, por 5 dias) além de estimulante de apetite (cobamamida + cloridrato de ciprofeptadina em dose única de 4 mg/gato por via oral). No segundo dia, o felino voltou a se alimentar espontaneamente.

Figura 1 – Fístula de glândula adanal em um felino, fêmea, sem raça definida, 9 anos. Primeiro dia de tratamento com pomada contendo gentamicina, sulfanilamida, sulfadiazina e vitamina A, apresentando secreção e vermelhidão.



No terceiro dia de tratamento, os tutores retornaram e iniciaram a aplicação tópica de pomada comercial contendo gentamicina, sulfanilamida, sulfadiazina e vitamina A, além da limpeza da ferida com solução fisiológica, duas vezes ao dia. A ferida, no terceiro dia, apresentava-se aberta, com secreção e avermelhada (Figura 1). Após cinco dias de tratamento com a pomada, a ferida estava em processo de cicatrização adequado, evidenciando tecido de granulação e sem secreções (Figura 2), e no 14º dia, já se encontrava totalmente fechada (Figura 3). Durante todo o tratamento com a pomada, o felino manteve o uso de colar elizabetano.

Figura 2 – Fístula de glândula adanal em um felino, fêmea, sem raça definida, 9 anos. Quinto dia de tratamento com pomada contendo gentamicina, sulfanilamida, sulfadiazina e vitamina A, sem presença de secreção e com sinais de cicatrização.



Figura 3 – Fístula de glândula adanal em um felino, fêmea, sem raça definida, 9 anos. Décimo quarto dia de tratamento com pomada contendo gentamicina, sulfanilamida, sulfadiazina e vitamina A, apresentando cicatrização completa.



Discussão

Segundo Corbee *et al.* (2022) e Curti *et al.* (2012), a saculite anal é comum em caninos e incomum em felinos, pois esta última espécie raramente apresenta incontinência do saco anal, pelo seu hábito de higiene, desobstruindo constantemente o ducto, sendo uma doença de baixa incidência, ainda pouco elucidada e descrita na literatura. Esse relato se trata de um caso de fístula de saco anal em um felino, provavelmente decorrente de uma obstrução e inflamação prévia.

O animal apresentou inquietação, falta de apetite e excesso de lambedura perianal e, logo após, apareceu uma ferida na região perianal, o que concorda com os sinais clínicos apresentados pela literatura que diz que a obstrução do saco anal, acompanhada de infecção, pode levar a ruptura do saco anal, abscessão e fistulação crônicas, levando o animal a um comportamento inquieto e apático (Corbee *et al.*, 2022; Curti *et al.*, 2012).

Segundo diversos autores (Asal; Sturion, 2014; Curti *et al.*, 2012), o diagnóstico se baseia nos sinais clínicos, histórico, exame clínico com palpação digital e exames complementares como hemograma e citologia. No caso apresentado, o diagnóstico foi feito com base nos sinais clínicos apresentados pelo felino e na resposta terapêutica, não sendo necessários exames complementares. Porém é importante salientar que o diagnóstico diferencial de neoplasia de saco anal deve ser investigado nos casos graves ou refratários ao tratamento (Am-sellem *et al.*, 2019).

Diversos autores indicam o uso de antibioticoterapia sistêmica para o tratamento de fístula de saco anal (Asal; Sturion, 2014; Curti *et al.*, 2012). O caso relatado demonstrou que apenas o tratamento tópico pode ser eficaz, pois se tratava de uma afecção leve. O uso de anti-inflamatório não-esteroidal via oral e pomada comercial contendo antibiótico e cicatrizante tópico, mais as limpezas com soro fisiológico se mostraram satisfatórias para a cicatrização da ferida.

Outras opções de tratamento sugeridas por Corbee *et al.* (2022) para impactação e inflamação do saco anal é uma combinação de extração

cirúrgica, lavagem dos sacos anais, uso de compressas quentes, dieta rica em fibras, tratamento de possíveis fatores subjacentes, como doenças dermatológicas e gastrointestinais. Esses procedimentos não foram realizados no presente caso, pois se tratava de uma afecção leve.

Conclusão

É de extrema importância o conhecimento anatômico da região perianal de cães e gatos para que se possa fazer o diagnóstico precoce de qualquer alteração no saco anal e região perianal. O clínico médico veterinário deve ter em mente que apesar de incomum, a inflamação com evolução para uma fistula do saco anal acomete também felinos. Quanto mais rápido se fizer o diagnóstico e começar o tratamento, melhor será o prognóstico.

Referências

- AMSELLEM, P. M. et al. Apocrine gland anal sac adenocarcinoma in cats: 30 cases (1994–2015). *JAVMA*, v. 254, n. 6, p. 716-722, 2019.
- ASAL, M.; STURION, M. A. T. Fístula perianal em cães – Revisão de literatura. *Medvep Dermato – Revista de Educação Continuada em Dermatologia e Alergologia Veterinária*, v. 3, n. 11, p. 366-369, 2014.
- CORBEE, R. J. et al. A Cross-Sectional Study on Canine and Feline Anal Sac Disease. *Animals*, v. 12, n. 95, p. 1-12, 2022.
- CURTI, F. et al. Considerações clínicas e cirúrgicas das principais afecções dos sacos anais de cães: Revisão de literatura. *V&Z em Minas – Revista Veterinária e Zootecnia em Minas, Ano XXI*, n. 113, abr./jun. 2012.
- KEMPER, B.; ARIAS, M. V. B. Fístula perianal em uma cadela Pitt Bull. Relato de caso. *Medvep – Revista Científica de Medicina Veterinária – Pequenos Animais e Animais de Estimação*, v. 5, n. 16, p. 202-206, 2007.
- MIYAZAKI, T. et al. Olfactory discrimination of anal sac secretions in the domestic cat and the chemical profiles of the volatile compounds. *Journal of Ethology*, v. 36, p. 99-105, 2018.
- MODESTO, T. C. et al. Carcinoma de saco anal em felino: relato de caso. *Enciclopédia Biosphera, Centro Científico Conhecer*, v. 15, n. 27, p. 299-305, 2018.
- MORAES, R. E. et al. Anal sac adenocarcinoma in a canine: Case report. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 7, 2023.